

ESTUDO COMPARATIVO DAS OPOSIÇÕES *PRETÉRITO PERFECTO* VS. *PRETÉRITO INDEFINIDO* DO ESPANHOL

Maria Cristina Micelli FONSECA³¹

Resumo: Em se tratando do estudo do espanhol por falantes do português, esbarra-se sempre na diferença de sentido e uso entre o *Pretérito Perfecto* e o *Pretérito Indefinido*³². A diferença entre *hice* e *he hecho* não é somente semântica, é semântico-pragmática. Michaelis (1998) explica que muitas vezes o erro não é gramatical, mas uma limitação funcional que distingue o tempo simples do composto. Já que existem as duas estruturas gramaticais diferentes, cujos valores semânticos se sobrepõem em uma certa medida, é necessário uma oposição discursivo-pragmática para diferenciar uma forma da outra, uma vez que ambas são usadas correntemente na língua.

Palavras-Chaves: *Pretérito Perfecto*. *Preterito Indefinido*. Tempo. Aspecto.

Abstract: When Portuguese speakers are learning Spanish, they often have to learn the difference in meaning and use between the *Pretérito Perfecto* and the *Pretérito Indefinido*. The distinction between *hice* and *he hecho* doesn't rely on semantics alone, it's a semantic-pragmatic one. Michaelis (1998) explains that the mistake is hardly ever grammatical, but a functional limitation which distinguishes the *Pretérito Perfecto* from the *Pretérito Indefinido*. If there are two different grammatical structures, whose semantic values overlap to a certain extent, a discourse-pragmatic opposition is needed to differ one tense from the other, since both are currently being used in the language.

Keywords: *Preterito Perfecto*. *Preterito Indefinido*. Tense. Aspect.

Introdução

A motivação deste trabalho nasce do exercício da profissão de professor de língua estrangeira diante da dificuldade que enfrentam os estudantes brasileiros para fazerem uso apropriado das oposições *Pretérito Perfecto* (PF) x *Pretérito Indefinido* (PI). Este estudo pesquisa e compila várias obras sobre tempo e aspecto, na tentativa de

³¹ Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, CE, Brasil, mcrisfon@uol.com.br.

³² Este trabalho é parte do resultado da tese de doutoramento: A Semântica e a Pragmática na Compreensão das Oposições *Present Perfect x Simple Past* e *Pretérito Perfecto x Pretérito Indefinido*, defendido no departamento de Linguística da FFLCH/USP sob a orientação da Profa. Dra. Neide González.

delimitar o valor semântico do tempo composto em oposição ao simples, uma vez que a perífrase Ter+Particípio tem um valor diferente no português (PB). A maior contribuição, portanto, é oferecer uma proposta que ajude o falante do português a encontrar a diferença de sentido entre esses dois tempos passados.

A fim de planejar uma aula de gramática na língua estrangeira é necessário ir além das propostas metodológicas de apresentação do conteúdo, é necessário conhecer profundamente o ponto gramatical que se pretende ensinar para poder escolher a melhor forma de fazê-lo. Para falar de tempo verbal, o conhecimento de noções gerais de tempo e aspecto nas línguas em geral, assim como o conhecimento específico da língua com que se trabalha fazem-se necessários.

Nesse ponto, esclareço que as informações contidas na maioria das gramáticas destinadas ao ensino de línguas e manuais de ensino de idiomas são perigosamente descomplicadas, apresentando generalizações ou omissões em nome de uma simplificação pedagógica, que na falta de alerta ao professor e aluno, pode induzi-los ao erro (FONSECA, 2005).

O estudo mais aprofundado da língua estrangeira, com vistas ao ensino de uma língua estrangeira, nos faz deparar forçosamente com uma realidade descrita por Slobin e Bocaz (1989 apud MICHAELIS, 1998) que as línguas diferem na sua orientação verbalizada da experiência, o que implica seguramente a forma como o falante vê e recorta o mundo, como salientam os autores acima: a gramática nativa de um falante influenciará os aspectos das situações nas quais ele prestará atenção, ou seja, a língua materna marca a forma como vemos um evento no mundo.

Dentre as habilidades que as línguas conferem aos seus falantes está a forma como eles caracterizam, descrevem e situam um evento acontecido no passado. Como explica Michaelis (1998), falar sobre processos, estados e ocorrências é um aspecto tão corriqueiro do discurso, que se pode esquecer que a língua não dá uma figura não-mediada da realidade, mas, antes impõe uma estrutura conceitual particular sobre o domínio dos acontecimentos.

Com esse ponto de vista em mãos, assumimos neste trabalho que o tempo verbal é uma expressão gramaticalizada de localização no tempo (COMRIE, 1985). Essa expressão que aparece na fala marcada na língua distingue o momento da fala: que será geralmente o presente, do momento anterior à fala: o passado, e do momento posterior à fala: o futuro. No momento da enunciação, o sujeito instaura um presente e

automaticamente o passado e o futuro. Esta divisão gerada pela língua em funcionamento parece ser verdadeira para todas as línguas, noção de extremo valor para quem aprende ou ensina uma língua estrangeira.

Benveniste (1969) afirma que o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso, e este presente é implícito. Ele determina duas outras referências temporais, o que não é mais presente e o que vai sê-lo. Estas duas referências não se relacionam ao tempo, mas às visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente, a partir do ponto presente. Esta parece ser a experiência fundamental do tempo, de que todas as línguas dão testemunho à sua maneira. Ela informa os sistemas temporais concretos e, notadamente, a organização dos diferentes sistemas verbais.

Esta divisão do tempo verbal, para o qual o inglês usa o termo *tense*, distinguindo de *time*, não é igual ao tempo cronológico. Benveniste (1989) mostra que uma coisa é situar um acontecimento no tempo cronológico, e outra inseri-lo no tempo da língua, ou seja, as línguas organizam o tempo de forma diferente, nem sempre coincidente entre elas.

Além da anterioridade e da posterioridade de um evento, acrescentamos que existe o tempo de referência (R) (REINCHBACH, 1947, apud MICHAELIS, 1998). Para ele, o tempo do evento (E) não precisa ser coincidente com o tempo da referência. Essa distinção possibilita ao narrador dirigir a atenção do ouvinte a um tempo de referência que não precisa ser o momento em que o evento ocorre, ocorreu ou ocorrerá.

A combinação dos tempos de evento presente, passado e futuro com os tempos de referência presente, passado e futuro faz surgir tempos de evento coincidentes que divergem no tempo de referência, como é o caso dos tempos estudados aqui. As oposições *Pretérito Perfecto/Indefinido* são coincidentes no que tange ao tempo do evento – passado – mas diferem no que tange ao tempo de referência, pois enquanto o tempo simples tem, ao menos em termos gerais, o tempo de referência coincidente com o tempo do evento, o tempo composto tem o tempo de referência coincidente com o presente, o momento da enunciação.

A escolha da referência dentro do presente, passado e futuro leva à escolha de um ponto de vista, ou seja, se um evento ocorreu no passado, o como esse evento vai ser narrado depende do ponto de vista do falante (SMITH, 1997), narrador dos fatos. Isto significa que, no caso dos pretéritos aqui estudados, o evento está terminado nos dois tempos. O PF tem, na maioria dos seus usos, aspecto perfectivo, evento acabado; no

entanto, pode haver uma leitura que engloba o momento da enunciação, que não foi objeto de estudo deste trabalho. A escolha, então, de um ou outro tempo depende de como o narrador vê a referência: ou presente, coincidindo com o momento de enunciação, ou passado, coincidindo com o momento em que o evento ocorreu.

Michaelis (1998) defende que a noção de referência introduz a questão pragmático-discursivo da língua em uso no estudo do tempo, pois para a autora, a referência é a condição pragmática sob a qual expressões temporais são lidas e julgadas, não só pela gramaticalidade, mas também pela funcionalidade, ou seja, se determinadas sentenças podem aparecer naquele contexto ou não. Segundo Partee (1984, apud MICHAELIS, 1998), a referência é a parte necessária do contexto para se interpretar sentenças marcadas com tempo.

O Aspecto Verbal

Para falar de aspecto verbal, partiremos da definição simples oferecida por Comrie (1985, p.3), na qual ele declara que aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation³³. Em outras palavras, enquanto o tempo (tense) se ocupa da localização de um evento no tempo, o aspecto trata da constituição interna desse evento, do ponto de vista de quem fala, independentemente do tempo (tense). Dentro dessa linha, o aspecto perfectivo dá a perspectiva de um evento visto por inteiro, como acabado, ou imperfectivo quando o evento é visto como inacabado.

Enquanto o tempo é marcado pelo momento da enunciação, instaurando um presente que automaticamente cria um passado e um futuro, o aspecto vai depender do ponto de vista do falante que narra uma situação. Nessa linha, Smith (1997) afirma que o aspecto é flexível, pois ele vai mudar dependendo de como o narrador descreve as situações que concorrem entre si formando um texto.

A partir dessa visão (MICHAELIS,1998), pode-se dizer que o aspecto é um produto da maneira como as pessoas, como produtoras e processadoras de texto, enxergam uma determinada situação e não um reflexo das propriedades que uma situação tem no mundo. Sendo o aspecto flexível e dependente do ponto de vista do narrador, podemos dizer que o narrador impõe sobre o ouvinte esse ponto de vista, que pode ser renovado a cada nova fala.

Temos, até então, segundo Michaelis, que o narrador pode se referir a uma situação usando o aspecto perfectivo, ponto de vista externo à situação, ou imperfectivo, ponto de vista interno do evento. Essas duas formas podem aparecer na morfologia do verbo ou não. O fato de elas não serem abertas não significa que o valor aspectual não exista na língua, pois esta encontrará outras formas de marcá-lo. Ainda segundo Michaelis (1998, p.11), enquanto a categoria aspectual é universal e inata, o valor de cada par forma-significado é ao mesmo tempo particular de cada língua e altamente específico: *it is an inventory of conventional form-meaning pairings characterized by constraints upon grammar, interpretation and use*³⁴. Ou seja, segundo a autora, cada construção aspectual tem limites de ordem semântica, pragmático-discursiva e gramatical. A perífrase Ter+Particípio existe no inglês assim como no português, no entanto, o par convencional forma-significado tem valor semântico específico para cada língua, variando de acordo com o uso.

O que nos interessa aqui é entender que, embora haja semelhança estrutural nas línguas, o valor semântico pode ser diferente e as interpretações acontecem por imposição não da estrutura da língua apenas, mas da língua em funcionamento, de valores atribuídos no uso da língua. A partir de outro aporte teórico, poderíamos dizer que a atribuição de valor semântico a cada par forma-significado é particular de cada língua, que a criança recebe durante a aquisição da língua materna e que passa a repetir a partir do modelo que recebeu sem se dar conta que poderia ser diferente.

A Perfectividade e a Imperfectividade

Falando dos aspectos perfectivo e imperfectivo, temos o trabalho proposto por Smith (1997, p.61). A autora engloba essas duas categorias no que ela chama de “ponto de vista aspectual³⁵”. Para ela, o ponto de vista aspectual é como a lente de uma câmera, tornando os objetos visíveis para os receptores, ou melhor, tornando as situações narradas visíveis em uma sentença. O narrador aponta a sua lente para onde julga mais importante.

³³ Aspectos são os diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação.

³⁴ É um inventário de pares forma-significado convencionais caracterizado à restrições impostas pela gramática, pela interpretação e pelo uso.

³⁵ *Viewpoint Aspect*

Para Smith, os vários tipos de ponto de vista aspectuais são categorias da Gramática Universal, embora sejam realizados de formas diferentes em línguas individuais. Para a autora, todos eles têm significado semântico nas línguas em que aparecem e são complementados por significados pragmáticos, ou seja, a interpretação pragmática é uma contribuição essencial na interpretação do ponto de vista aspectual.

O que nos interessa na questão perfectivo *versus* a imperfectivo é perceber como elas se apresentam na estrutura da língua de formas diferentes, com valores semânticos diferentes. Além disso, mesmo quando as línguas apresentam morfologia verbal análoga, o valor semântico e o uso poderão ser diferentes. Em suma, o aspecto, mesmo considerado um universal linguístico³⁶ e inato³⁷, materializa-se nas línguas de formas diferentes, tanto em estrutura quanto em valores.

Pudemos observar, até então, que o que é visível em uma sentença, o ponto de vista aspectual, é particular das línguas e, juntamente com a semelhança estrutural das línguas, tem valores semânticos e usos diferentes. Essas questões todas se manifestam no estudo da língua espanhola por falantes do português do Brasil, uma vez que o português tem a perífrase Ter+Particípio, mas com valor semântico e noções aspectuais diferentes na maioria dos seus usos.

***Aktionsart* ou Classes Aspectuais**

Além do ponto de vista aspectual, Smith (1997) aponta que, como o aspecto é de natureza composta, existe nele outro componente: o aspecto de situação (*Aktionsart*). Este é expresso pelo verbo e seus argumentos, como o objeto direto. Esta proposta está baseada no trabalho de Verkuyl (1972, 1989, 1993). A alteração do artigo altera o significado da sentença como um todo. Segundo ele, o aspecto é uma ação combinada de fatores, não de uma propriedade do significado do verbo *per se*, como nos exemplos abaixo:

1. Comí una manzana. (aspecto terminativo)
Comi uma maçã.
2. Comí manzanas. (aspecto durativo)
Comi maçãs.

³⁶ fenômeno natural e universal expresso pelas línguas naturais humanas.

O Perfeito

Até agora falamos do conceito de aspecto como a constituição interna de um evento. Agora falaremos de outro tipo de aspecto: o Perfeito. Ele informa um evento perfectivo, ou seja, acabado, no entanto, vai além, relaciona o presente com o passado, liga um evento passado com um estado presente.

Falando do perfeito, Comrie (1985, p.52) explica que *the perfect is rather different from the aspects, since it tells us nothing directly about the situation in itself, but rather relates some state to a preceding situation*³⁷. Dessa forma, o perfeito relaciona um evento passado ao momento da enunciação, anunciando uma relevância presente de um evento passado. Comrie chama de aspecto o que Reinhach (1947) chama de tempo (*tense*), o primeiro denomina relevância presente o que o segundo vê como referência presente. Comrie (1985) informa, ainda, que muitos autores questionam considerar os tempos perfeitos como aspecto. No entanto, consideraremos o *Prétérito Perfecto* como pertencente à classe do aspecto, devido aos efeitos de sentido que cria ao relacionar um evento passado ao momento de enunciação.

Pela perspectiva de Smith (1997), o Perfeito tem geralmente as seguintes características: ele apresenta quase sempre uma situação que precede a sua enunciação, ou seja, o momento de referência coincide com o momento da enunciação e não com o momento o evento. Sua construção tem geralmente como resultante um valor estativo, e é na maioria dos usos perfectiva, acabada.

A autora, falando do Perfeito Presente em geral das línguas, informa que a sentença (3) abaixo foca o estado obtido no presente, fruto de uma ocorrência acontecida no passado, *they present a state of affairs which results from the prior situation*³⁸, ou ainda, a situação é anterior ao momento da enunciação, mas conceitualmente relacionada a ela:

3. *Han construido el palacio*⁴⁰.

O palácio foi construído.

³⁷ Os pressupostos teóricos que sustentam a Gramática Universal postulam que o aspecto é inato, e por isso, aparece em todas as línguas humanas, mudando apenas o par forma/sentido que varia entre as línguas.

³⁸ O Perfeito é muito diferente dos aspectos, uma vez que não nos diz nada diretamente sobre a situação *per se*, mas antes relaciona um estado a um evento precedente.

³⁹ (...) elas apresentam uma situação em um momento particular, que resulta da situação anterior.

Smith (1997, p.107) ainda acrescenta que:

These sentences focus on a state that obtains in the present, a state due to the occurrence of the situations mentioned. There is neither a requirement nor an implication that the final states of the situation themselves continue. I return to this point directly. The viewpoint of these sentences is perfective and therefore closed, that is, the situations are presented with initial and final endpoints⁴¹.

Vale a pena mencionar que embora o exposto acima seja verdadeiro para a maioria dos casos dos perfeitos presente, existem exceções, como aquelas exibidas por sentenças com marcadores de tempo que vão incluir o momento da enunciação, tais como *todavía, toda vida, etc.*

Em resumo, o ponto de vista aspectual abarca não somente as construções perfectivas e imperfectivas, mas também as construções com o perfeito, ou seja, são situações perfectivas, cuja referência a uma situação passada é sempre posterior à situação. No caso, o *Pretérito Perfecto* tem a referência concomitante ao momento de enunciação, a referência presente, enquanto o *Pretérito Indefinido*, de referência passada.

Gramática do Espanhol

Em consonância com o que foi exposto acima, resumimos dizendo que o PF em oposição ao PI tem, na maioria de seus usos, um componente de tempo, o que o inglês chama de *tense* (a situação antecede o momento da enunciação), e um componente de aspecto (a referência coincide com o momento da enunciação). Existe uma constituição temporal interna da situação, não somente de evento acabado, mas a relação do passado com o presente, do evento passado com o estado presente.

Como vimos anteriormente, o *Pretérito Perfecto*, como um tempo perfeito, apresenta um momento de evento anterior ao momento de enunciação, e o momento de referência concomitante com o momento da enunciação. O tempo simples, *Pretérito Indefinido*, por outro lado, apresenta também um momento de evento anterior ao

⁴⁰ Sentença fornecida por Gutiérrez Araus (1995, p.23) para exemplificar o *Pretérito Perfecto* com valor resultativo.

⁴¹ As sentenças acima focalizam um estado que se obtém no presente, um estado devido à ocorrência das situações mencionadas. Não há uma exigência nem uma implicação que o estado final de uma situação continue. Eu retomo a este ponto diretamente. O ponto de vista destas sentenças é perfectivo e portanto fechado, isto é, as situações são apresentadas com pontos inicial e final.

momento da enunciação, mas tem o momento de referência concomitante ao evento. Sendo assim, o *Pretérito Perfecto* narra uma situação passada que tem uma referência presente. Essa referência presente é vista como uma consequência presente da situação passada. Aplicando o termo utilizado por Smith (1997) ao falar das construções do perfeito, podemos dizer que essa consequência presente é um resultado da situação passada, e essa resultante de uma situação passada é geralmente um estado.

Smith (1997) fala do perfeito em geral. Vejamos o que dizem Rojo e Veiga (1999, p.2872) sobre o *Pretérito Perfecto* especificamente. Para eles, o *Pretérito Perfecto*...

*(...)no significa acción simplemente ocurrida fuera del ámbito de nuestro presente, sino en relación directa con este.(...) En este valor no se trata tanto de que la acción sea inmediatamente anterior al punto cero desde donde se mide el tiempo, sino más bien de que existe en ese punto un **resultado** o consecuencia suya.⁴²*

Para falar das diferenças e semelhanças da oposição *Pretérito Perfecto*, doravante, PF, e do *Pretérito Indefinido*, doravante, PI, Rojo e Veiga afirmam:

Semejanzas: ambos indican una relación de anterioridad respecto del momento del habla, ambos indican acciones perfectas, terminadas antes del momento del habla.⁴³

Diferencias: la forma simple indica la mera anterioridad respecto del momento del habla, del cual se separa constituyendo un ámbito propio en el pasado, distinto de la actualidad del hablante. La forma compuesta, en cambio, indica anterioridad dentro del ámbito del presente, perteneciendo por tanto a la actualidad del hablante.⁴⁴

Os autores ainda acrescentam que a distância passado-presente no tempo composto pode compreender um momento, um dia, uma semana, um ano, um século, porque o que importa é que o falante sinta as situações como psicologicamente mais perto dele no momento da enunciação.

⁴² (...) não significa ação simplesmente ocorrida fora do âmbito do nosso presente, mas sim em relação direta com este.(...) neste valor não se trata tanto que a ação seja imediatamente anterior ao ponto zero de onde se mede o tempo, mas sim que existe nesse ponto um resultado ou consequência sua.

⁴³ Semelhanças: ambos indicam uma relação de anterioridade com respeito ao momento da fala, ambos indicam ação perfectivas, terminadas antes do momento da fala.

⁴⁴ diferenças: a forma simples indica a mera anterioridade com respeito ao momento da fala, da qual se separa, constituindo um âmbito próprio do passado, diferente da atualidade do falante. A forma composta, ao contrário, indica anterioridade dentro do âmbito do presente, pertencendo portanto a atualidade do falante.

Estamos adotando o estudo feito pela autora sobre a oposição do inglês, *Present Perfect vs. Past Simple*, que julgamos se aplicar aos usos estudados aqui da oposição PF x PI. A autora inicia citando Jespersen (1931, apud MICHAELIS, 1998, p.10):

*The perfect ... is itself a kind of present tense, and serves to connect the present time with the past. This is done in two ways: first, the perfect is a retrospective present, which looks upon the present state as a result of what has happened before in the past; and second the perfect is an inclusive present, which speaks of a state that is continued from the past into the present time*⁴⁵.

Ela continua afirmando que a natureza de Juno⁴⁶ do tempo composto se reflete na sua composição formal: uma perífrase que consiste de um auxiliar *haber* no tempo presente, seguido de outro verbo no particípio. A situação narrada nesse tempo indica uma ocorrência acabada ou perfectiva graças ao particípio, e um estado presente representado pelo auxiliar no presente (MICHAELIS, 1998).

Ainda citando Herweg (1998), Michaelis diz que, de acordo com este autor, a construção do perfeito presente denota um estado resultante da culminância de um evento, sendo assim, de acordo com Michaelis, o *Pretérito Perfecto* é uma predicação de estado e funciona diferentemente da predicação de passado expressa pelo *Pretérito Indefinido*.

A autora acrescenta que essa diferença entre os tempos é pragmático-discursiva, porque seus sentidos *per se* se sobrepõem parcialmente (MICHAELIS, 1998). Michaelis ilustra dizendo que a diferença discursivo-pragmática se materializa no discurso, tanto que em muitos usos, embora a sentença seja gramaticalmente correta, ela não é aceita naquele uso, naquele contexto, naquele discurso.

Michaelis continua mostrando que existem áreas semânticas de sobreposição entre o tempo simples e o composto, pois ambos servem para falar de situações acabadas no passado. A única forma de desfazer o nó⁴⁷ que se forma para explicar a diferença entre *hice* e *he hecho* é optarmos por um modelo que presuma que todas as línguas tenham uma categoria conceitual de evento e estado, mesmo que não apareçam

⁴⁵ O perfeito ... é por si próprio um tipo de tempo presente, e serve para ligar o tempo presente com o passado. Isto é feito de dois modos: primeiro o perfeito é um presente retrospectivo, que olha para o estado presente como um resultado do que aconteceu anteriormente no passado; e em segundo o perfeito é um presente inclusivo, que fala de um estado que vem do passado para o tempo presente.

⁴⁶ Juno era o deus dos portões e portas. Ele era representado por uma figura com duas faces olhando em direções opostas. Seu nome é o radical da palavra inglesa "January" que significa janeiro (o mes que "olha" para os dois anos, o que passou e o novo ano) (www.on.br-mitologia, 24/07/2005).

⁴⁷ No original *to disentangle*.

na morfologia do verbo, mas que existam mecanismos gramaticais que possibilitem ao falante se expressar optando por uma forma ou outra, ou seja, apresentando uma determinada situação ou como evento (tempo simples) ou como estado (tempo composto).

A autora dá seguimento a sua proposta dizendo que:

(...) this resultant-state implication distinguishes the Present Perfect from the past tense (...) The resultant-state implication is pragmatic in that it incorporates a contextual variable. The variable ranges over times at which the resultant state could hold; the time of speaking anchors the variable. The resultant-state implication therefore represents a semantic-pragmatic condition upon the Present Perfect⁴⁸.

Dentro dessa visão de que o tempo composto refere-se a um estado resultante no presente, não importa se o evento foi contínuo ou reiterado, o que importa é que no momento da enunciação vale o estado resultante deste evento acabado, o estado resultante. Podemos observar que a ponderação de Michaelis é deveras pertinente, pois, embora existam vários nomes dados aos possíveis usos do *PF*, todos eles, de fato, referem-se a estados. Como em exemplos de com valor existencial, o que vale naquele momento é que existe uma experiência pela qual já se passou, que é um estado.

Sendo assim, o tempo simples refere-se a um ponto ou intervalo no passado que pode ser identificado pelo interlocutor, sendo, portanto, potencialmente anafórico. Já o tempo composto é muito mais dêitico do que anafórico, porque seu tempo de referência não pode ser ancorado a nenhum período de tempo contextualmente acessível. Além disso, por ser dêitico, recebe influência não só do tempo, mas de lugar e pessoa. Desta forma, não importa somente o tempo de referência, mas quando se fala, quem fala e onde fala.

A partir do exposto acima, mostrando que tanto o espanhol quanto o inglês veem nos seus tempos compostos uma semelhança com o tempo simples, e que a diferença entre o tempo simples e o composto está no resultado presente, na consequência presente que aparece nos tempos compostos, analisamos, neste trabalho, a construção do espanhol à luz da explicação oferecida por Michaelis para o inglês.

⁴⁸ Esta implicação estado-resultante distingue o *Present Perfect* do *Simple Past* (...) A implicação estado-resultante é pragmática no sentido que incorpora uma variável contextual. A variável estende-se no tempo enquanto o estado resultante puder ser sustentado; o momento da fala ancora a variável. A implicação estado-resultante, portanto, representa uma condição semântico-pragmática sobre o *Present Perfect*.

Apresentamos, então, como proposta para efeito de ensino e aprendizagem, olhar para a distinção PF/PI como predicções de evento ou de estado, sendo o *PI* predicções de evento, e o PF predicções de estado, ou melhor, olhar para o tempo apenas evento.composto do espanhol como tendo um estado resultante que os distingue do tempo simples,

Como mencionamos, o que buscamos é poder tornar visível o que diferencia as sentenças abaixo, que são parte de um diálogo apresentado na unidade 1 do livro didático *Ven 2*. Elas são um exemplo do que ocorre, em geral, nos demais manuais de espanhol.

4. A: *Pues hablas muy bien el español. ¿Dónde lo has aprendido?*

Você fala espanhol muito bem. Onde você o aprendeu?

5. B: *Aquí en España. Hace varios años que vengo de vacaciones y además*

he hecho

algunos cursillos en Inglaterra.

Aqui na Espanha. Faz vários anos que venho de férias e além disso, fiz alguns cursos na Inglaterra.

Buscamos explicar o que de fato torna a sentença B acima diferente da abaixo:

6. B: *...además **hice** algunos cursillos.*

além disso, fiz alguns cursinhos.

A sentença (6) não explicaria o porquê de ter um espanhol tão bom, uma vez que a escolha do tempo simples apenas indica que ele fez alguns cursos de espanhol, sem fazer a ligação com o presente momento, ou seja, que o fato de ter estudado no passado traz uma consequência, um estado presente: falar bem espanhol.

Essa escolha é feita pelo narrador, que seleciona uma interpretação aspectual de uma situação dada em consonância com o ponto de vista que ele escolhe para falar daquela situação, em um momento dado, dentro do discurso. Isso explicaria por que escolher a forma composta para responder à pergunta do diálogo em espanhol. A escolha de um ponto de vista aspectual não é um reflexo das propriedades que as

situações têm no mundo, mas a maneira como as pessoas, sendo produtoras e processadoras de textos, olham para as situações.

Além disso, segundo a proposta para o inglês de Michaelis (1998), que estendemos aqui para o *Pretérito indefinido* do espanhol, o PI é potencialmente anafórico, evocando quase sempre períodos de tempo mencionados anteriormente ou disponíveis contextualmente, geralmente referindo-se a um intervalo de tempo identificável na mente dos interlocutores. O PF, por outro lado, tem como referência mais valores dêiticos do que anafóricos, uma vez que não se ancora em um fato passado, mas no resultado desse evento no momento da enunciação.

É dentro desta visão de que o PF evoca não o evento, mas o resultado dele, que embora haja três valores básicos diferentes dados a esses tempos, todos acabam tendo como ponto comum o resultado final, o estado final consequência de um evento passado.

Essa premissa se mostra muito interessante no ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira para falantes do português do Brasil; assumimos que as duas formas são importantes para o aluno, independentemente das questões regionais de uso. Como praticamente todas as variedades utilizam os dois tempos correntemente, com maior ou menor frequência, e com usos quiçá diferentes, faz-se necessário chegar a distinguir esses dois tempos em cada língua e apresentar seus valores semânticos, como fazemos aqui. Para tanto, defendemos que o aprendiz deve aprender a localizar a questão resultativa marcada no tempo composto, pois julgamos que os demais valores semânticos que o *Pretérito Perfecto* pode assumir são desdobramentos desse estado resultativo.

Apresentamos abaixo os principais valores que o PF pode assumir.

Os Valores Semânticos do *Pretérito Perfecto* do Espanhol

Segundo Gutiérrez Araus (1995, p.21-23) o *Pretérito Perfecto* apresenta três valores principais:

Valor de Passado Continuativo-Resultativo no Presente

O passado de resultado do espanhol é usado com o valor de passado acabado, mas cujo resultado ou consequência desse evento passado são sentidos no momento da enunciação.

7. *Han reconstruido el palacio.*

Resultado: está reconstruído.

Construíram o palácio.

8. *...además he hecho algunos cursillos (de español) en Inglaterra.*

Resultado: falo espanhol.

... além disso, fiz uns cursos (de espanhol) na Inglaterra.

*Valor de Antepresente*⁴⁹

O *Pretérito Perfecto* é empregado com valor de antepresente quando se faz referência a um tempo passado cuja distância cronológica não é o fator determinante, mas sim indicar a perspectiva atual do fato, podendo ser marcado por *este año* por exemplo.

9. *Este año no he ido al cine.*

Este ano ainda não fui ao cinema.

Valor de Passado Enfatizador

Esta característica do PF é, segundo Gutiérrez Araus (1995), específica do espanhol da América, quando o falante quer dar maior ênfase a um evento que se concluiu no passado e que constitui um ponto culminante de uma cadeia de fatos, ou ênfase a um elemento:

10. *Inesperadamente apareció un hombre frente a la casa, se acercó a la puerta, llamó al timbre y, al salir Isabel, ¿sabes lo que ha dicho?*

Inesperadamente apareceu um homem na frente da casa, se aproximou da porta, chamou e quando Isabel saiu, sabe o que ele disse?

O Perfeito no Espanhol

Como vimos acima, no uso dos tempos perfeitos o que interessa é o foco do narrador no momento da enunciação. Se este escolhe olhar para o resultado do evento passado no momento da enunciação, as duas línguas aqui estudadas oferecem a opção de se escolher um tempo verbal que exprima essa carga semântica de consequência presente. Se observarmos atentamente, como salienta Michaellis (1998), na verdade, o valor estado-resultativo do perfeito é que marca a predicação de evento, pois o que interessa no momento da enunciação é que existe um estado presente, consequência de um evento passado. Ainda, o que diferencia o PF do *PI* é uma predicação estado-

⁴⁹ Este termo foi cunhado por Andrés Bello em sua *Gramática de la lengua castellana*. Santiago. Universidad de Chile, 1883.

resultativa no tempo composto, e no simples, uma predicação de evento. A partir dessa divisão, os possíveis efeitos de sentido que o tempo composto comporta, devido ao caráter composicional do aspecto, farão surgir os demais valores decorrentes.

A importância de descrever melhor a oposição PF vs. PI se sustenta pela dificuldade encontrada pelos estudantes do espanhol falantes do português do Brasil em aprender o valor do PF e diferenciá-lo do PI, uma vez que o português apresenta a mesma perífrase com valor diferente e não expressa resultado da mesma forma. Na verdade, será no Pretérito Perfeito que o PB poderá, em alguns casos, expressar resultado. Como quando perguntamos: Lavou a louça? Queremos, na verdade, saber se a louça está lavada. Também quando exclamamos: Apagou a luz! Nossa intenção é dizer: Está escuro⁵⁰!

Reconhecemos que esses tempos podem apresentar outros usos e outros valores, que por uma questão de tempo e foco não serão contemplados neste trabalho, como por exemplo, o valor de situação que persiste. E, também, porque julgamos que, para fins de ensino/aprendizagem, é nesta relação que reside a maior dificuldade dos aprendizes brasileiros: o valor estado-resultativo do tempo composto, a ligação passado-presente e a distância dos valores do PB.

O Contraste entre Pretérito Perfecto e Pretérito Indefinido

O objetivo deste tópico é discutir especificamente, como se faz a distinção entre as sentenças abaixo, que é a motivação deste trabalho:

10. *María ha vivido en Canadá.*

Maria morou no Canadá.

11. *Maria vivió en Canadá.*

Maria morou no Canadá.

McCoard (1978, apud MICHAELIS, 1998, p.109), tentando distinguir semanticamente o tempo simples do composto, propõe que o tempo composto evoca um

⁵⁰ Para um estudo mais abrangente sobre a expressão do resultado em PB, ler FONSECA (no prelo) *A Expressão do Resultado no PB*, ou ainda, Fiorin (1996) e Travaglia (1981) sobre o valor de resultado no Pretérito Perfeito do português.

“agora estendido”, uma vez que localiza um evento que ocorreu em um intervalo que inclui o presente e uma parte do passado. Este tipo de explicação, presente em muitos manuais e gramáticas disponíveis no mercado, pode induzir a erro, uma vez que possibilita a interpretação de que um determinado evento começou no passado e se estende ao presente. Significaria dizer que no exemplo (10) Maria morou e continua morando no momento da enunciação, opondo-se à sentença (11), na qual Maria morou, e não mora mais no Canadá.

Este presente de que fala McCoard não trata de um evento que ainda ocorre no momento, mas sim uma de consequência do evento passado, que é vista pelo narrador no momento da enunciação.

Michaellis (1998) faz uma observação importante para distinguir o tempo simples do composto. Partindo da divisão aspectual de Atividades e Estados, ela diz que no PF, o evento começa como Atividade e acaba como Estado, ou seja, no momento da enunciação, o evento está acabado, o que resta é o estado resultante. A opção do falante por essa forma, em detrimento da forma simples, abarcando somente o evento passado, somente a Atividade, se ancora em questões discursivo-pragmáticas. Ressalta-se que o que faz a distinção semântica do tempo simples e composto é a implicação estado-resultante que é gerada no tempo composto, que acaba por revelar um sentido semântico-pragmático para esse tempo. A escolha não está no evento em si, mas na forma que o narrador vê ou sente esse evento passado acabado em relação ao momento da enunciação, o presente.

O Uso de Marcadores Temporais no Pretérito Perfecto

Falaremos abaixo sobre os marcadores que podem acompanhar o PF, não como instrumentos para se inferir o uso do PF, mostrando como os marcadores corroboram o valor do PF mesmo em construções sem marcador.

O uso de marcadores temporais com o perfeito em geral é uma questão deveras delicada, uma vez que, como esse tempo não se refere propriamente ao passado, e sim ao momento da enunciação, teoricamente ele não aceita marcadores que situem o evento em um ponto fixo no passado (Matte Bon, 1998, Tomo I). Para veicular esse ponto de vista, existe o *PI*.

Comrie (1976, p.54) ressalta que o PF aceita marcadores de passado como o da sentença abaixo, o que o *Present Perfect* não aceitaria no seu uso mais habitual, apenas se fosse seguido de *all my life, this year*. A sentença do inglês seria gramatical, também, se proferida no dia em que o falante levantou-se às cinco:

12. *Me he levantado a las cinco*⁵¹.

Me levantei às cinco.

Llorac (1990, p.24) explica que se emprega o PF com os advérbios ou locuções adverbiais que indiquem que o evento começou em um período de tempo que inclui o momento presente de quem fala, são eles: *hoy, ahora, estos días, esta semana, esta tarde, esta mañana, este mes, el año en curso, esta temporada, hogaño, todavía no, en mi vida, durante el siglo presente, etc*. O autor oferece os exemplos abaixo:

13. *La leña que has acarreado hogaño está muy verde.*

A lenha que você trouxe desta vez está muito verde.

14. *Esta tarde, ... aparte de la...crítica que ha hecho del partido..., ha tomado una posición...*

Esta tarde...apesar da ... crítica que fez ao partido..., tomou uma posição...

O autor salienta que, com advérbios como *esta mañana* e *antes*, pode-se empregar o PI, ou seja, quando as expressões temporais citadas se opõem a *esta tarde, ahora, etc*.

15. *Antes no hice reparo..., pero ahora ...*

Antes não fiz reparos..., mas agora...

16. *Antes he escrito a H.*

Antes escrevi a H.

⁵¹ Observa-se que no exemplo fornecido por Comrie, o marcador temporal não encerra os limites do evento, uma vez que o foco está no estado presente e não no evento passado. Isso quer dizer que o narrador poderia estar se referindo ao fato de estar cansado como resultado de ter se levantado às cinco.

O *PI*, por outro lado, se emprega com os advérbios e locuções adverbiais que indicam que o evento aconteceu em um momento que não inclui o momento presente; são eles: *ayer, anoche, el mes pasado, aquel día, un día, hace años, entonces, cuando*, etc.

17. *Hace pocos días le expliqué a ella lo que ocurrió.*

Faz dois dias que expliquei a ela o que aconteceu.

18. *Cuando fuiste ayer al pueblo.*

Quando você foi ao povoado ontem.

Llorac acrescenta que os complementos temporais que indicam duração ou repetição são empregados com a forma simples e a composta:

19. *Siempre ha sido muy dada a la leyenda.*

Sempre foi muito dada a contar histórias.

20. *Siempre lo dije.*

Sempre disse isso.

As oposições *Pretérito Perfecto* vs. *Pretérito Indefinido* Fora dos Livros

Como vimos nas descrições acima, no que concerne à diferença básica entre os tempos aqui estudados, o *PF* tem a sua escolha feita a partir do foco do narrador. Essa eleição se deve, então, à ênfase maior que o narrador quer dar no momento da enunciação ao estado-resultante do evento acabado em um determinado momento anterior à enunciação. Essa ênfase é compatível com o discurso do falante, mais do que com os próprios marcadores muitas vezes, como vimos. Na escolha de ponto de vista, concorrem vários fatores pragmáticos, tais como quem fala, o que se fala, e para quem se fala. Apresentaremos abaixo um trecho extraído de um filme, para podermos avaliar como esses tempos se comportam em uso fora da gramática.

No trecho do filme “O Crime do Padre Amaro⁵²”, onde o padre se confessa, se perguntássemos por que foi eleito o *PF* e não o *PI* para narrar certos e eventos, e vice-

⁵² Título original; *El Crimen del Padre Amaro*. Prod. França, Espanha, Argentina e México, 2002. Baseado no romance de Eça de Queirós que tem o mesmo nome.

versa, poderíamos perceber que eles são coerentes com o foco que o padre escolheu para dar a sua confissão. Provavelmente, o autor não tem consciência da sua escolha, mas ela é coerente com o resto do seu discurso e cria os efeitos de sentido por ele pretendidos.

Esses pecados passados ilustram os usos dos pretéritos PI e PF. Apresentamos a cena em que o padre se confessa para o padre Amaro:

21. *Confieso que he pecado. He mentido. He pecado de soberbia. Abusé de la confianza de gentes que me abrieron su casa. Como Herodes, corté cabezas de inocentes. Ofendí a Dios. He pecado de lujuria. Forniqué con una virgen que era una niña.*

Confesso que pequei, Menti. Cometi o pecado da soberba. Abusei da confiança de pessoas que me abriram suas casas. Como Herodes, cortei cabeças de inocentes. Ofendi a Deus. Cometi o pecado da luxúria. Forniquei com uma virgem que ainda era uma criança.

O desafio de explicar por que o padre alterna os usos de um tempo e de outro no mesmo momento da enunciação se resolve se percebemos que as ações ditas em *PI* funcionam como a lista de pecados confessos (e acabados) no passado, já as ações narradas em *PF* referem-se ao estado presente, resultado dos pecados passados, assim como se referem à totalidade dos pecados cometidos ao longo desse período da sua vida de sacerdote. Dessa forma, teríamos o verbo “pecar”, porque todas as ações foram pecados, e o verbo “mentir”, porque, afinal, o padre vivia uma mentira. Temos, então, como foco a confissão, que é o momento em que as ações passadas levam a um estado presente que justificam a própria confissão e o fato de estar dentro de um confessionário. Nesse caso, o resultado dos pecados passados é o estado presente: ser pecador falando com um padre.

O que o falante quer dizer é:

22. Sou pecador. Sou um mentiroso.

Usa o *PF* porque a língua espanhola o permite para dar o efeito de sentido pretendido pelo narrador, um estado-resultante, um passado com efeito de totalização.

Ainda seria passível de argumentação o motivo de não se ter traduzido o *PF* pela perífrase Ter+Particípio no português. Para tanto já contra-argumentamos: o que é contado no PF, o narrador vê como um estado-resultante no presente, ele é um pecador/ele é um mentiroso. Isso tem um efeito de sentido na própria história, ou seja, o padre é o maior dos pecadores e o maior dos mentirosos. O que ele narra no *PF* é o resultado (estado presente) do que ele narra no *Indefinido* (eventos passados).

O que se depreende desta análise é que, embora exista um peso forte da pragmática que interage com a semântica, justificando as escolhas, a construção de sentido nesses tempos nasce da relação da estrutura sintática com o valor semântico gerado pelas próprias possibilidades que os tempos aqui oferecem. Assim, a lista de pecados estaria em tempo simples porque se trata, como dizem as gramáticas, de ação acabada, foi reiterativa ou durativa no passado, no momento da enunciação ela é vista como acabada. Já as ações que relacionam o passado com o presente, os pecados cometidos no passado apresentam um estado-resultativo: o estado de pecador, de mentiroso do falante. Estes eventos são narrados no PF, e apresentam o efeito totalizador do resumo da vida do padre.

As Gramáticas Escolares e os Manuais de Ensino de Espanhol

Embora já tenhamos comentado sobre as gramáticas mais disponíveis para professores e alunos, julgamos ser importante retomar essa questão para elucidar os seus usuários. A maioria das gramáticas dedicadas ao ensino de língua estrangeira e manuais para ensino de língua do espanhol aponta que o tempo composto significa um evento que começa no passado e vem até o presente. Em oposição, diz-se do tempo simples, o *Indefinido*, que é usado para referir um evento que acabou no passado. A questão da consequência presente da situação descrita pelos tempos compostos não é explorada, ou pelo menos raramente o é, ou ainda, as explicações dadas não são suficientemente elucidativas. Um estudo mais minucioso desses tempos, no entanto, aponta que essas afirmações são, na verdade, insustentáveis, pois tanto os tempos simples quanto os compostos podem assumir múltiplos sentidos.

Esses conceitos se perpetuaram e, embora os estudos gramaticais sejam atualmente diversificados e científicos, eles raramente chegam às gramáticas dedicadas

ao ensino de língua e nem tampouco aos manuais de ensino do espanhol. Estes continuam repetindo as mesmas explicações, como se não houvesse mais nada a dizer.

E por ser nessa linha o que encontramos em grande parte dos livros com os quais os alunos e professores estudam, entendemos que a maioria das gramáticas e dos manuais de espanhol apresenta equívocos e generalizações imprecisas ao relatarem os valores e os usos dos tempos, principalmente do *PF*. Isso torna ainda mais árdua a tarefa de ensinar e aprender um tempo verbal (um valor semântico) que não existe no PB, apesar da forma ser igual a de uma perífrase do PB. O PS, por sua vez, carece também do mesmo cuidado, contudo, como seus valores se aproximam, na maioria dos usos, dos valores e usos do perfeito simples do português do Brasil, essa carência não oferece tantos problemas como a do PF. Restando, de qualquer maneira, a dúvida do aluno para diferenciar o valor do *PF* e do *PI*.

Referências

- ALARCOS, E. A. **Gramática de la Lengua Espanhola** R.A.E.. Madrid: Espasa-Cape. 1990.
- ARAUS, G. **Formas Temporales del Pasado del Indicativo**. Madrid: Arcolibros. 1997.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.
- CASTRO, F. **Ven**. Libro 2. Madrid: Edelsa. 2005.
- COMRIE, B. **Aspect**, Cambridge University Press, New York. 1976.
- FIORIN, J.L. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo, SP: Ática, 1996.
- FONSECA, M.C.M. **Um Estudo das formas Verbais de Pretérito nas Interlínguas de Brasileiros Aprendizes do Inglês e do Espanhol: Past Simple/Present Perfect e Pretérito Indefinido/ Pretérito Perfecto**. Dissertação de Mestrado. DL/FFLCH da Universidade de São Paulo. 2001.
- MATTE BON, F. **Gramática Comunicativa del español De la idea a la Lengua** Tomo I e II. 1998.
- MICHAELIS, L.A. **Aspectual Grammar and Past Time Reference**, Routledge, London. 1998.
- ROJO, G.; VEIGA, A. **Tiempos Verbales em Español**. In Bosque, I. e Delmonte, V. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. V. 2. Madrid: Espasa Calpe, 2000.

SMITH, C.S. **The Aspectual System of English** in *The Parameter of Aspect*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 1997.

TRAVAGLIA, L.C. **O Aspecto Verbal no Português**. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.